

**O Globo, 14 de agosto de 2005**

**Opinião**

**As crises no setor elétrico**

**CLAUDIO J. D. SALES**

A expressão em latim *post hoc ergo propter hoc* consolida uma clássica falácia sobre causalidade temporal: se um fato B ocorreu após um fato A, deduz-se que o fato B foi causado pelo fato A.

O setor elétrico brasileiro é vítima constante dessa falácia. Como os tempos para maturação dos investimentos são contados em décadas, é mais fácil para o intérprete mal informado ou mal intencionado buscar causas simples ou imediatas para crises que foram plantadas e regadas anos atrás.

Os exemplos não são poucos. Como as tarifas aumentaram depois das privatizações, a privatização é a culpada. Pouco se fala sobre o aumento dos impostos e encargos (que hoje já representam 50% da tarifa). Esquece-se também que as tarifas mantidas artificialmente baixas antes da privatização geraram um custo de US\$ 23 bilhões que foi coberto pelo Tesouro.

Pode-se argumentar, na lógica da falácia, que a causa para a ausência de investimentos na expansão da geração foi o modelo anterior; logo, se tivermos um novo modelo, os investimentos virão. Pouco se fala sobre o ambiente de instabilidade setorial criado com a invenção dos conceitos de energia nova/velha e dos ataques políticos e regulatórios às tarifas.

Usando *post hoc ergo propter hoc*, alguns poderão apontar como causa dos futuros problemas do novo modelo a saída de Dilma Rousseff do Ministério de Minas e Energia antes da sua completa implantação; logo, se a ministra tivesse permanecido...

Especialistas do setor (muito respeitados inclusive nos meios governamentais) já anunciam uma nova crise de oferta de energia elétrica, que vai se traduzir na elevação do risco de falta de energia nos próximos anos. Isso porque cenários conservadores de crescimento da economia apontam para o encontro das curvas de oferta e demanda em 2008 ou 2009, considerando um regime de chuvas favorável. Já estamos em 2005 e nos últimos 30 meses não foi iniciado qualquer projeto de geração relevante.

Com certo otimismo, os investimentos em novas usinas de grande porte se iniciarão em 2006. Para uma hidrelétrica eficientemente construída, como a de Estreito, não se pode contar com o início de sua operação antes de 2010 (isso se os obstáculos ambientais forem resolvidos). Termelétricas seriam, portanto, a solução, já que podem ser implantadas em prazos menores. No entanto, não haverá gás natural para operar tais térmicas pela insuficiência de infra-estrutura de processamento e transporte. Tudo isso considerando que o fornecimento de gás via Gasbol não será prejudicado pela crise política gerada pelo movimento extremista nacionalista na Bolívia.

Qual será a explicação dada em 2009? Precisamos nos preparar para mais um uso oportunista de *post hoc ergo propter hoc* ou conseguiremos blindar o setor elétrico brasileiro contra as explicações político-ideológicas e introduzir de uma vez por todas em nosso vocabulário a palavra "eficiência" e criar as condições estruturais para atração de investimentos privados?

**CLAUDIO J. D. SALES é presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE).**